

O CONCEITO DE REVOLUÇÃO MEXICANA

Fernanda Bastos Barbosa – Universidade Federal de Ouro Preto

fernanda.barbosa@laureatedigital.net

Resumo: O objetivo do artigo é dissertar sobre o conceito “Revolução”. Por tratar-se de um conceito amplo, o abordaremos especialmente a partir do evento conhecido como “Revolução mexicana”. A fonte documental utilizada para desenvolvermos as discussões e análises será o ensaio *De Porfirio Díaz à Francisco Madero: la sucesión dictatorial*, do médico e periodista Luis Lara Pardo. O escopo será explicar como Lara Pardo criou uma representação da revolução, explicitando o vocabulário e linguagem política utilizados por ele.

Palavras-chave: Revolução; Vocabulário político; Luís Lara Pardo.

Data de Aceite: 28/02/2019

Data de Publicação: 30/07/2019

Introdução

Não é tarefa fácil dissertar sobre o conceito “Revolução”, principalmente no cenário político e historiográfico atual. Segundo Luis Villoro, quem estuda movimentos revolucionários percebe um momento de crise no conceito, motivado, principalmente, pela desilusão para com os resultados dos levantamentos. O fim de muitas esperanças utópicas, idealizadas e construídas a partir desses eventos pretéritos, fez com que indivíduos passassem a refutar seu emprego como chave de interpretação e entendimento da realidade. Contudo, discutir determinados movimentos a partir do referido conceito ainda é relevante para o historiador. Como explicou Reinhart Koselleck, é evidente seu pertencimento no vocabulário político moderno, não podendo, deste modo, ser ignorado ou abandonado.

O conteúdo semântico do conceito “Revolução” não é unívoco, podendo aludir tanto a súbitos movimentos político-sociais de deposição de um governante à intensas inovações tecnológicas, que possuem a capacidade de modificar largas estruturas no interior de uma sociedade. Neste sentido, nossa primeira afirmação é a de que o conceito em destaque não é universal e homogêneo, como se ele possuísse uma base semântica transcendental. “Nosso conceito de revolução pode ser assim definido, de forma adequada e legítima, como um conceito geral, que encontra pelo mundo todas as condições prévias para seu entendimento, mas cujo significado preciso sofre variações dramáticas de um país a outro, de uma situação política a outra.”

Desta forma, para este artigo pensaremos o conceito “Revolução” a partir de um famoso evento histórico na América Latina, a Revolução Mexicana, que, em 2020, completará 110 anos. Nossa ênfase será dada ao México uma vez que, como sabemos no ano de 1910 eclodiu um movimento inédito que destituiu da primeira magistratura do país o então presidente Porfirio Díaz. Díaz governou o país por trinta e um anos e, em 1911, renunciou ao cargo, exilando-se na França. À época, o evento ganhou várias interpretações e uma delas foi feita por Luis Lara Pardo, cujo livro – *De Porfirio Díaz à Francisco Madero: la sucesión dictatorial de 1911* – tornou-se um cânone, formou opinião e instituiu uma memória sobre a revolução. Nosso objetivo não é reduzir o trabalho do escritor pensando-o como um resultado de aspectos biográficos particulares, mas como sua obra foi relevante para a criação de

uma matriz interpretativa sobre a Revolução Mexicana ao longo do século XX.

Sendo assim, o objetivo será explicar como Lara Pardo testemunhou e criou uma representação da revolução, percebendo o vocabulário e linguagem política utilizada por ele. Mobilizaremos autores que nos permitam pensar e analisar o livro destacado. O escopo não é apenas fazer uma discussão teórica sobre o conceito “Revolução”, mas mobilizar uma literatura historiográfica que me permita explanar sobre o conceito a partir de uma importante fonte histórica, o livro de Lara Pardo.

O artigo será dividido em quatro partes: a) na primeira, veremos como a Revolução Mexicana foi entendida como um momento de ruptura histórica entre passado e presente mexicano. Lara Pardo construiu narrativamente a ideia de que em 1910 se iniciava uma nova época, diferente do presente e do passado: o futuro do país seria, aos seus olhos, melhor do que foi a ditadura porfirista. b) Para legitimar o movimento revolucionário, o autor desconstruiu os principais fundamentos do Porfiriato. Comparar os períodos mexicanos “pré” e “pós” Díaz, desautorizando o porfirismo, foi fundamental para que o autor construísse sua defesa da revolução. c) Posteriormente, discutiremos como o “povo” se tornou, no livro, o sujeito da história e a base que desencadeara todo o poder de transformação do México. O destino da nação estava nas mãos da população, que ganhou grande destaque na obra. A partir de todas estas discussões, na parte final, d) traçaremos alguns apontamentos importantes para se discutir o conceito “Revolução” e, especificamente, o de “Revolução Mexicana”; bem como as implicações políticas que esta tradição interpretativa “antiporfirista” e “pró-revolucionária”, da qual Luiz Lara Pardo fez parte, gerou no país.

A ideia de “Revolução” como ruptura

De Porfirio Díaz a Francisco Madero: la sucesión dictatorial de 1911, escrito em 1911 por Luis Lara Pardo e publicado em 1912 foi, segundo Paul Garner, um dos “ejemplos más virulentos del antiporfirismo en México”, constituindo-se em um clássico desta literatura e contribuindo para sua consolidação . A própria “Comisión Nacional para las celebraciones del 175 aniversario de la Independencia Nacional y 75 aniversario de la Revolución Mexicana” considerou, em 1985, o livro supracitado como uma obra fundamental para o estudo e interpretação do movimento revolucionário .

Para Aurora Gómez Galvarriato e Mauricio Tenorio Trillo, o ensaio de Lara Pardo foi produzido ainda sob as metralhas calientes da revolução, que eclodiu no país, como já mencionado, em 1910. Este evento foi, para o médico e jornalista, o início de um movimento que fazia cair os pilares do que ele qualificara, na segunda página de seu livro, de “Antigo Regime”. O que percebemos, e será recorrente em toda a sua obra, é que o escritor buscou construir a imagem de uma revolução que rompia com o período político anterior, o Porfiriato. Para ele, em 1910 nascia uma nova época, um novo México: o presente era decisivo para não deixar a nação cair em um abismo político e social sem volta. Uma intervenção revolucionária era necessária. Perguntava-se: Qual seria o futuro do país?

Logo de início, ao analisarmos a expressão utilizada por Lara Pardo – “Antigo Regime” –, não podemos deixar de frisar a analogia com modelos interpretativos de revolucionários franceses em finais do século XVIII. O levantamento de 1910, para Lara Pardo, foi percebido inicialmente como uma necessidade política: a concentração cada vez maior de poderes nas mãos do presidente trazia consequências nefastas ao país, então era preciso mudar os rumos da nação radicalmente. Segundo Villoro, “la actitud de negación del orden heredado y de afirmación del orden otro supone la acción colectiva capaz de renovar la sociedad. La actitud de negación del pasado - afirmación de un futuro, implica la decisión de renovación en el presente.” .

Podemos encontrar essa matriz de pensamento, por exemplo, nas ideias disseminadas por Alexis de Tocqueville. Embora Lara Pardo não o tenha citado diretamente, podemos inferir que refletia acerca da Revolução Mexicana a partir de uma releitura do tropo tocquevilleano. Não quero afirmar que a obra ou as interpretações de Tocqueville influenciaram diretamente as interpretações de Lara Pardo, mas entender como uma experiência histórica semelhante – a Revolução Francesa – foi traduzida e interpretada pelo autor mexicano. Para Valdei Lopes de Araujo, “não é possível falar de conceitos nacionais enquanto algo isolado das teias formadas na circulação entre o local, o regional e o global.” A Revolução Francesa tornou-se paradigmática, muitos escritores traduziam suas experiências históricas a partir do grande exemplo francês. Não se citava a Revolução Gloriosa ou as chamadas revoluções antigas: a França tornava-se, no México, o exemplo norteador.

Para nos situarmos, no ano de 1856 Tocqueville escreveu O Antigo Regime e

a Revolução (L'Ancien Régime et la Révolution, no original em francês), cujo objetivo foi encontrar as causas que levaram à Revolução Francesa. Para ele, as origens do movimento estavam no interior do que chamou de “Antigo Regime”, uma vez que a monarquia cada vez mais suprimia as liberdades políticas da população, além de desprivilegiar as camadas mais pobres. O autor, ao interpretar a conjuntura francesa, enxergava rupturas, mas também permanências entre os períodos pré e pós-revolucionário francês – principalmente no que se referia à centralização administrativa do Estado. Contudo, o movimento, para ele, trouxe elementos novos à sociedade. Lara Pardo não entendia o levante mexicano como uma etapa caótica da história de seu país, como interpretou Tocqueville no caso da França, mas como um período que iria trazer as modificações necessárias ao México. Se Díaz fincara raízes na presidência, afirmava, era necessário que a população se mobilizasse e o destituísse do cargo. Na obra, o “povo” tornou-se o grande redentor da nação.

Deste modo, os conceitos utilizados na França (neste caso, Tocqueville foi um grande expoente) foram instrumentalizados, relidos e apropriados por polígrafos mexicanos. Frente à Revolução Mexicana, e para legitimá-la como um movimento de mudança (e progresso), era necessário mostrar as rupturas e descontinuidades de um período ao outro. Ao se legitimar a revolução, negava-se o Porfiriato: explicitar que o “Antigo regime” ficou no passado tinha relevância. “A revolução (...) transformou-se para todos em um conceito perspectivista dentro da história da filosofia, que apontava para uma direção irreversível.” O evento ganhava um sentido único, direcionado para o futuro. Toda a pluralidade de movimentos no interior da revolução foi silenciada.

Como veremos, a Revolução foi interpretada como um movimento de mudança, devido à falta de liberdade e o acúmulo de poder político por parte do Executivo. Para Lara Pardo e muitos outros autores que não serão enfatizados neste artigo, era necessário que se desenvolvesse a democracia no México. Como explicou Koselleck, “revolução alude muito mais a desordem, golpe ou guerra civil, assim como a uma transformação de longo prazo, ou seja, a eventos e estruturas que atingem profundamente o nosso cotidiano.” No México, buscava-se convergir para o movimento todas às esperanças de transformação. Com a Revolução, muitos acreditavam e afirmavam que o país chegaria a uma condição democrática, pautada na liberdade política e no progresso social. Segundo Claudia Galindo Lara, as revoluções são vistas “como el evento que encarna todas las características

intrínsecas a la acción: inicio, construcción de algo nuevo y encuentro con los demás. Las revoluciones son aquí recuperadas a partir de su veta histórica, con toda su dimensión de grandeza y fragilidad.” .

É importante destacar que a revolução abria para a nação um novo horizonte de expectativa; como percebemos no ensaio de Lara Pardo. Não se falava em “regenerar” ou “reformatar” o país: apenas a “revolução” (no sentido moderno do conceito), proporcionando uma ruptura imediata, seria efetiva. Os eventos de 1910 conduziam o México a um futuro desconhecido, novo, afirmava-se; era preciso “revolucionar” para salvar a nação. Sobre esta parte, não podemos deixar de mencionar o livro *Salvar la nación: intelectuales, cultura y política en los años veinte*, de Patricia Funes. Ao analisar escritores do século XX, a historiadora afirmou que, no começo desta época, intelectuais e polígrafos possuíam como escopo de análise em seus países – a autora analisou casos latino-americanos – o povo e as características da alma nacional. A questão social ganhou uma dimensão importante em produções e, segundo ela, havia uma preocupação sociológica que buscava entender as patologias da sociedade. Ao fazermos uma análise da obra de Lara Pardo, percebemos que o autor procurava produzir uma narrativa que buscasse a descontinuidade entre o governo de Díaz e a Revolução Mexicana: o Porfiriato emergia como a distopia da tradição liberal mexicana construída por Benito Juárez , bem como a personificação da tirania política (como veremos abaixo). Construía-se um clima de terror no interior do México, causada pelo governo, e isto validava o movimento de 1910.

A deslegitimação do Porfiriato: “O mito do caos”

Luis Lara Pardo nasceu na Cidade do México, capital do país, no ano de 1873. Formou-se médico, mas dedicou sua carreira ao periodismo, atuando como colaborador em importantes jornais. Em 1887, começou a escrever no *Diario del Hogar*, cujo diretor foi Filomeno Mata, grande crítico de Díaz e seu governo . Ademais, Lara Pardo tornou-se chefe de redação do *El Imparcial* e, em 1909, fundou *Actualidades*, periódico antiporfirista e defensor da democracia no México . Seu livro foi publicado pela Polyglot Publishing & Commercial Co., editora norte-americana, uma vez que o autor estava exilado no país por problemas políticos com o porfirismo, especialmente por causa de suas críticas ao governo no *Actualidades* .

Como mencionado, sua obra fez uma crítica aberta ao Porfiriato, contribuindo para a consolidação de uma historiografia “antiporfirista” . É importante perceber que, logo no início de seu livro, o escritor se colocou como o primeiro autor a criticar Díaz e seu governo, época que, para ele, Francisco Madero ainda elogiava o presidente. Para criar a ideia de uma ruptura entre passado e presente, era preciso desconstruir os fundamentos de legitimidade do poder anterior, bem como os trabalhos de polígrafos que defendiam politicamente o general . Citamos um trecho do livro:

Mi independencia me trajo al destierro. Mío es el honor de haber sido el primero en atacar por su base el régimen de Porfirio Díaz, rechazándolo en principio públicamente en la ciudad de México, cuando el gran dictador en la plenitud de su poder imponía el pánico; cuando los revolucionarios de ahora eran porfiristas, y cuando D. Francisco Madero cantaba himnos á la grandeza del caudillo.

Nesta passagem supracitada, vemos que Lara Pardo refutou a crítica de Madero, já que este, ao final de seu famoso livro *La sucesión presidencial en 1910*, afirmou ter Porfirio Díaz proporcionado estabilidade, paz e progresso ao México. Deste modo, o médico se colocou como o primeiro a fazer uma crítica severa e aberta ao Porfiriato; censura que, como afirmou, “atacou desde sua base o regime”. Sentia-se honrado, ou seja, sua conduta pessoal, baseada na moral, coragem e honestidade, fá-lo-ia ser o primeiro a construir uma tradição de crítica ao porfirismo . Como percebemos, no cume de seu poder, Díaz, referido no trecho como “ditador”, impunha o pânico ao país: a situação vivenciada por seus concidadãos era de desespero, pavor. Para Lara Pardo, a nação não mais aguentava aquela conjuntura.

Para ganhar autoridade, Lara Pardo desconstruiu os principais argumentos que legitimavam a administração de Díaz e suas atitudes presidenciais. Os defensores do presidente afirmavam que desde a independência (1821) o país viveu imerso em uma atmosfera onde não existia paz e progresso, e que esta conjuntura apenas se transformou sob o Porfiriato (em 1876). Como afirmou o médico e jornalista, estes argumentos não passavam de um suporte, sustentáculo, ao governo de Don Porfirio. Defendia: “(...) esa noción, que tanto cuadraba con la estabilidad del sistema porfirista, es una de tantas imposturas que sirvieron de sostén al solio del tirano.” . A tirania possuía um elemento de crueldade, opressão, em que o presidente governava com um poder ilimitado, abusando do mesmo para com a população. No capítulo intitulado “El mito del Caos”, o autor foi a todo o tempo refutando a ideia de

que Díaz era o construtor de uma nação moderna, o “regenerador” do país, argumentos mobilizados por muitos autores que escreveram no oitocentos .

Após a leitura de toda a obra, por ser uma literatura político-testemunhal sobre a conjuntura mexicana do início do século XX, Lara Pardo não mencionou autores específicos que indicassem a ideia de tirania de que se valeu. O referido conceito, como percebemos, ganhou uma dimensão importante para qualificar e deslegitimar o Porfiriato. Deste modo, uma das hipóteses refletidas na construção deste artigo foi pensar a querela entre autores “antigos” e “modernos” sobre o referido conceito. Para isso, iremos discorrer rapidamente sobre o clássico quadro taciteano a respeito do termo. Em *As Raízes Clássicas da Historiografia Moderna*, Arnaldo Momigliano atentou-se em discutir as leituras da obra de Tácito desde a antiguidade até o século XIX, mostrando como uma tradição sobre suas ideias cristalizou-se ao longo dos períodos – principalmente sobre a qualidade do tirano.

Tácito refletiu em algumas de suas obras sobre o governo imperial e a tirania em Roma. Discutiu o assunto em seus *Anais* e *Histórias*. No primeiro, focou nos governos de Tibério e Nero, imperadores romanos posteriores à Augusto. Já nas *Historiae*, escritas por volta dos anos 100 a 110 d. C., atentou-se desde a queda de Nero à morte de Domiciano. Em seus textos, Tácito analisou as características indesejáveis do tirano, bem como as consequências acarretadas por uma destruição da liberdade por parte do governante. Ao analisar a figura do tirano por um viés psicológico, ele se constituía como um governante ganancioso e sua administração eram acompanhados pela desmoralização.

Como sabemos, as leituras e usos das obras de Tácito sofreram apropriações durante os períodos analisados por Momigliano, além de cada país possuir especificidades em suas interpretações. Entretanto, “Tácito transmitiu a antiga experiência de tirania a leitores modernos.” Ou seja, o tirano ainda adquiria o status de corrupto, hipócrita e cruel. Novamente, não queremos afirmar que Lara Pardo foi leitor direto da obra taciteana, e que utilizou toda uma linguagem política desenvolvida pelo historiador romano. Também não asseguramos que Tácito tenha sido o principal escritor a refletir e escrever sobre a tirania. Contudo, pensar a questão da tradição construída ao longo dos anos, o arquétipo de tirano antigo, especificamente o desenvolvido por Tácito, pode iluminar nosso problema. Como percebemos no trecho supracitado de Lara Pardo, o governo de Díaz foi permeado por crueldade, ambição e egoísmo. Além disto, para ele, uma das marcas do

presidente foi o extermínio do povo. Para o escritor, Díaz dissimulava, não era um herói nacional. Sua administração foi marcada pelas aparências, vestidas com uma roupagem hipócrita de bem comum e discurso de pacificação. Sendo assim, as consequências daquele governo eram preocupantes. Se por um lado Tácito não defendia uma revolução como mudança em suas obras, veremos mais abaixo que o escritor mexicano apenas via uma transformação no México sob o levantamento radical da nação. Para ele, a revolução seria capaz de mudar profundamente as bases políticas e sociais de seu país.

Não havia, para Lara Pardo, atitudes patrióticas em Díaz. A via reformadora não adiantaria para modificar os rumos do país; era necessária uma revolução que depusesse Porfirio Díaz do poder. Cada vez mais o presidente foi concentrando poderes em suas mãos, ao ponto de aquela situação ficar insuportável para o povo mexicano, afirmava. Para ele, a nação não mais conseguia tolerar: “(...) la situación del país se hacía cada vez más angustiosa. Ya se perdía la esperanza de que el general Díaz dejara el poder jamás, y todo el mundo se preguntaba hasta cuándo se prolongaría un estado de cosas que tocaba los límites de lo insoportable.” .

Se para autores contemporâneos a Díaz, como foi o caso de Bernardo Reyes, Justo Sierra e até mesmo o de Francisco Madero, o presidente havia pacificado o país, edificado um novo México, estável e de progresso material, no livro de Lara Pardo Díaz se transformou no mais abominável tirânico (o presidente não era visto apenas como um ditador, mas como um tirânico, ou seja, um valor cruel era agregado ao seu governo). Lara Pardo leu as obras de Sierra e Madero; sobre o primeiro, ainda que o considerasse um importante indivíduo liberal que defendeu o ensino laico em todo o país, criticou-o por ser um suporte do governo porfirista, o que o fez “arrojar su talento y su valer moral á los pies del dictador”. Acreditava que Don Justo tornara-se cúmplice do poder despótico, principalmente ao legitimar o porfirismo em seus ensaios.

Como pudemos perceber, o médico teceu uma forte crítica ao governo de Díaz, visto por ele como uma tirania. Segundo Momigliano, “um dos aspectos da tirania era impor uma escolha difícil entre a adulação e o protesto vazio (...)” . Ou seja, a adulação, o discurso laudatório, foi uma característica comum, sentida por Lara Pardo naqueles polígrafos que defendiam o Porfiriato e viam em sua figura o governante que edificou um novo México, imerso em caos até 1876. Tais argumentos como comentaram, apenas serviam como sustentação à permanência

de Díaz na primeira magistratura. Sendo assim, para o escritor, o discurso de que o general havia pacificado o México frente a um passado caótico, era um mito, uma verdade construída sem fundamento. Ao deslegitimar o Porfiriato o médico também legitimava a Revolução. Aos seus olhos, o levantamento de 1910 viria instaurar uma nova sociedade, pautada nos moldes democráticos e na liberdade política, acabando com o “Antigo regime” ditatorial que assolara o país por longo tempo.

O “povo” como legitimidade da revolução

É importante destacar que, embora compartilhassem muitas ideias, Lara Pardo foi um grande crítico de Francisco Madero. Para ele, Madero também ambicionava a presidência ou a vice-presidência da República. Afirmava que se o coahuilense atingisse o poder, o México permaneceria na mesma situação político-social: uma vez na presidência, seu governo seria uma continuidade da postura política de Díaz: “Es evidente que Madero, al organizar ese partido [Partido Nacional Democrático], tenía la intención única de utilizarlo como medio para llegar á [sic] la presidencia – o cuando menos á la vicepresidencia. Es claro que toda esa agitación política no tenía por objeto luchar contra una autocracia, sino derribar al autócrata.” .

Lara Pardo fez um apelo à população para que abrisse os olhos e mudasse o destino do México. Ao resumir o que foi o Porfiriato, escreveu: “(...) su gobierno fue el virreinato pacífico por el exterminio y la opresión: pomposo y deslumbrante, provechoso para los extranjeros, pero que dejó hondas llagas en la patria, las cuales no puedan curar las generaciones futuras.” . Para ele, o governo fez tão mal ao país que nem mesmo as atitudes das gerações futuras poderiam curar as feridas ocasionadas. O escritor enxergava a revolução como o movimento necessário para se produzir uma alteração efetiva no âmbito político e social.

Lara Pardo alertava seus concidadãos de que o destino do país estava em suas mãos. A revolução não era o fim último a se chegar, mas o processo que levaria o México a um futuro próspero, democrático e com liberdade política. As vozes sinceras, ou seja, a parte da coletividade que não possuía interesse em conseguir benefícios com o levantamento, mas lutava e defendia um progresso nacional, precisavam ser ouvidas. Se não houvesse uma transformação, o México estaria fadado a cair em um abismo, sem possibilidade de reparo. Como percebemos, a mudança apenas poderia emanar do povo. Este era, para o escritor,

o sujeito da história.

Unido, o povo ganhou uma dimensão importante no livro, pois constituiu-se em sinônimo de transformações, o sujeito da vida política. Estava nas mãos da população retirar a pátria da prostração que a assolou por muitos anos. Contudo, o status do povo na produção de Lara Pardo precisa ser problematizado. Para Lara Pardo, a população mexicana não tinha educação cívica, uma vez que não praticava seus direitos. Diante da falta de liberdade política no México, o povo não conseguia vislumbrar as consequências daquele sistema ditatorial no futuro. Como afirmou, a prosperidade e o progresso, desenvolvidos por Díaz para se manter no poder, dominaram o povo e este, deslumbrado, ficou apático, indiferente aos problemas do país. Citamos:

Nada hay más propicio para dominar a los pueblos que la prosperidad. La vieja regla castellana “pan y toros” ha de realizarse siempre donde quiera que haya un pueblo habitualmente pobre y oprimido. Por eso todas las grandes tiranías marcan su paso en la historia con un reguero de esplendores: los templos faraónicos, los palacios de Babilonia, las grandezas de los césares; las magnificencias del papado en la Edad Media, el brillo de la corte de Trianón. El pueblo que ha sido siempre pobre y oprimido cambia con mucho gusto su libertad por un pedazo de pan que calme su hambre, por un puñado de cobre que alivie su miseria, porque en los pueblos que han sido esclavizados, como en las especies animales domésticas, se atrofia el instinto que a los animales aptos para la vida libre, hace preferir la libertad á todos los otros bienes.

O que percebemos, segundo a citação acima, é que, para o médico, o progresso no país não era resultado do patriotismo do presidente, mas sim de sua ambição de permanecer no poder – colocado por ele como uma característica da tirania. Suas ações eram destinadas ao povo para que este trocasse sua liberdade pelos bens conquistados. A História servia como exemplo: Lara Pardo citava as grandes construções feitas pelos Faraós no Egito antigo, os luxuosos palácios da Babilônia, as riquezas dos imperadores, do Papado, e a corte francesa à época de Luis XV que, no século XVIII, construiu o suntuoso Petit Trianón, localizado no parque do Palácio de Versalhes. As conjunturas mencionadas foram marcadas pela tirania dos governantes e pela pobreza e opressão da população que, encantada com todo o esplendor, trocava sua liberdade por um “pedaço de pão” e entretenimento, tamanho sua miséria. São considerados “lugares de memória” –

para lembrar a expressão de Pierre Nora – do despotismo e marcam, desde o romantismo, a imagem de um poder central, que estigmatizava as classes desprivilegiadas. Para o escritor mexicano, se a população não tomasse uma atitude diante de tantos acontecimentos históricos semelhantes, a opressão continuaria gerando efeitos desastrosos ao México. Neste ponto, é importante refletir como o conceito de “revolução” se torna complexo. Elementos políticos e sociais se mesclam, tangendo tanto o problema da presidência, quanto da desordem social. Analisar o conceito apenas pelo âmbito político torna o estudo falacioso.

Embora, como vimos, o povo tenha ganhado um status de dinamismo na obra, de sujeito da ação política, ele ainda era considerado por Lara Pardo como ignorante e apático e, portanto, necessitava de grandes homens, que o guiasse ao caminho que levaria o México a uma renovação. Se, para Lara Pardo, o início da revolução não possuía coesão, era necessário que um chamado fosse feito e que a multidão, guiada, transformasse as bases nacionais pelas vias de um levantamento popular. A própria utilização do conceito “Revolução” tinha o objetivo de gravar na mentalidade mexicana a legitimidade do movimento, imprimindo, por assim dizer, a revolução no próprio corpo da nação. Como percebemos, Lara Pardo estava inserido em uma tradição de escritores que criavam a ideia de revolução monolítica e unitária. Entretanto, ele divergiu da ideia de uma revolução popular de massa anônima, ou seja, que não possuía uma liderança intelectual.

Deste modo, o livro foi um chamado ao povo que, guiado por “homens verdadeiros e honrados”, patriotas, salvasse seu país. O conceito sintetizava objetivo e buscava causar comoção social, além de conferir legitimidade ao evento . A revolução tornava-se um princípio regulador para os indivíduos envolvidos no movimento. Intitular o movimento de 1910 como “Revolução”, para além de traduzi-lo, buscava produzir comoção e arquitetar uma validade ao fato. A tirania porfirista deveria ser, aos olhos do escritor, derrubada. Como um chamado, o livro dialogava com o povo que, unido e protagonista, deveria mudar os rumos do México: a nação precisava ser salva.

Algumas considerações finais

Cabe ao historiador ter o cuidado de não restringir o conceito “Revolução” a um significado geral e imóvel. Existem variações em sua definição de acordo com o recorte temporal e espacial analisado (fazendo com que ele se torne sempre polissêmico). Por esse motivo, discutimos o referido conceito a partir da representação da Revolução Mexicana criada pelo famoso escritor Luis Lara Pardo. Entretanto, podemos sugerir que algumas noções recorrentes norteiam o uso do conceito “Revolução”. Abaixo destacamos algumas:

a) Primeiramente, o conceito “Revolução” é utilizado para denotar um novo período na História. Na narrativa que analisamos, por exemplo, Lara Pardo procurou criar uma realidade política e social diferente, nova, tentando romper com o período histórico anterior (o porfirismo). Como explicou Hannah Arendt, a revolução é definida como uma “ruptura inaugural” .

b) Ao mesmo tempo em que o emprego do conceito “Revolução” procura traduzir esperanças e projetos políticos, busca validar o próprio movimento revolucionário, causar comoção social; produzindo, assim, legitimidade. Como sabemos, a linguagem possui materialidade, poder. Mobilizar conceitos significa, mais do que explicar fatos político-sociais, intervir nos próprios acontecimentos, buscando articular e autenticar os eventos ocorridos.

c) Para se legitimar um movimento revolucionário é preciso deslegitimar os fundamentos do governo anterior, tornando-o ilegítimo dentro da História. Como explicou Villoro, intelectuais, polígrafos, entre outros escritores, ao defenderem a revolução, desmontavam os fundamentos dos governos precedentes. A Revolução Francesa e Mexicana são exemplos disto.

d) Revoluções também podem ser caracterizadas por eventos coletivos amplos. Se pensarmos a Revolução Mexicana (e também a Revolução Francesa), vemos que o “povo” ganhou grande destaque. Estes movimentos emanavam do povo, este possuía a autoridade para pegar em armas e mudar os destinos do país, seja em um âmbito político e/ou social. O indivíduo a modificar as estruturas nacionais não era mais o herói romântico, o homem-capaz (para lembrar as categorias de Thomas Carlyle), mas a coletividade como um todo que, unida, iria proporcionar transformações significativas ao país.

Sobre a Revolução Mexicana, nosso foco neste texto, as gerações

posteriores ao evento, principalmente acadêmicas, foram amplamente marcadas por estes argumentos desenvolvidos e explicitados no início do século XX. Esta formação de uma historiografia do autoritarismo porfiriano foi apropriada por gerações profissionais de historiadores, como também contribuiu para que o corpo de Díaz ainda esteja enterrado em solo francês, não sendo liberado para o enterro no México. “A pesar dos esfuerzos de la familia, los restos de Don Porfirio siguen enterrados en París, en el cementerio de Montparnasse. Esto simboliza, sobre todo, que el estado posrevolucionario no ha aceptado el legado del régimen de Díaz.” .

Podemos mencionar nesta parte final do artigo, a título de exemplificação, as representações nacionais a partir do muralismo pós-revolucionário. Para Camilo de Mello Vasconcellos, que estudou a arte mural exposta no Museu Nacional de História do México (MNHM) entre os anos de 1940 e 1982, a disposição de apresentação da história nacional mexicana mostrava, em suas salas de exibição, como o Porfiriato era interpretado como sendo a “causa” da Revolução Mexicana e o período que esta destruíra para assentar uma nova sociedade. Além disto, como vimos na literatura de testemunho, a exemplo de Lara Pardo, o governo de Díaz foi interpretado no museu como um período feudal da história pátria . Como afirmou o historiador, “para tirar o país daquele sistema ‘feudal’, fenômeno na verdade de atraso, era necessário, portanto, uma revolução que alterasse por completo toda aquela estrutura injusta imposta aos camponeses mexicanos.” .

O que percebemos, portanto, é que a imagem do Porfiriato como um governo ilegítimo dentro da história mexicana ganhou força, tanto na literatura político-testemunhal, como nos murais pós-revolucionários, espalhados pela cidade do México e expostos no MNHM. A memória que se perpetrava era de um governo ditatorial. O Porfiriato passou a ser visto através de uma forma teleológica: o governo de Díaz foi a causa da Revolução, cujo objetivo era acabar com este governo opressor. Como escreveu Luiz Estevam de Oliveira Fernandes, “ao caminharmos pelas ruas centrais da capital mexicana podemos notar algo semelhante. Em monumentos e prédios públicos, governos considerados ‘traidores da nação’, como o de Porfirio Díaz, foram eclipsados pela memória vitoriosa da Revolução Mexicana”.

Mobilizando alguns exemplos do passado, Lara Pardo construiu uma interpretação sobre a situação do México. Se a condição do país não mudasse, a nação cairia em um abismo sem volta, afirmava. Entretanto, não adiantava reformar politicamente e retornar ao constitucionalismo proposto por Benito Juárez, por

exemplo. Como explicou Koselleck, “ao passo que a legitimidade da Restauração permanecia atada à noção de tradição, a legitimidade revolucionária tornava-se um coeficiente dinâmico, que direcionava a história a partir de determinadas perspectivas do futuro.” A salvação estava no futuro. Apenas a revolução era a via de progresso e transformação. Para ele, agir no presente proporcionaria um futuro marcado pela democracia e liberdade política.

Referencias

ARAUJO, V. L. A época das revoluções no contexto do tacitismo: notas sobre a primeira tradução portuguesa dos Anais. Estudos Ibero-Americanos, Rio Grande do Sul, v. 36, pp. 343-364, 2010, p. 347.

ARENDDT, Hannah. Da revolução. Brasília: Editora Ática/Editora da UnB, 1988.

BARRÓN, Luis. Historias de la Revolución Mexicana. Cidade do México: FCE, CIDE, 2004, pp. 33-34.

BRAVO OLMEDO, Valentina. La re-significación del honor durante la primera mitad del siglo XIX en Latinoamérica. **Cuadernos de Historia Cultural, Crítica y Reflexión**, Viña del Mar, vol. 2, pp. 7-11, 2012. Disponível em: <<https://cuadernosdehistoriacultural.files.wordpress.com/2011/12/02-valentina-bravo-honor.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

CAMBIO DIGITAL. Efemérides del periodismo mexicano: Luis Lara Pardo, 2012. Disponível em: <http://www.cambiodigital.com.mx/mosno.php?nota=99723#.VADS-flDXxQ>. Acesso em: 20 nov. 2013.

Comissão do Instituto Nacional de Estudos Históricos da Revolução Mexicana. Ver: <http://www.bicentenario.gob.mx/bdb/bdbpdf/dePorfirioDiazAFranciscoMadero/prologo.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2014.

FUNES, Patricia. Salvar la nación: intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006, pp. 73-75.

GALINDO LARA, Claudia. El concepto de revolución en el pensamiento político de Hannah Arendt. Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales, Cidade do México, vol. XLVII, nº. 195, pp. 31-62, set.-dez. 2005, p. 32. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=42119503>. Acesso em: 20 ago. 2014.

GARNER, Paul. Porfirio Díaz: del héroe al dictador, una biografía política. Cidade do México: Planeta, 2003;

GÓMEZ GALVARRIATO, Aurora; TENORIO Trillo, Mauricio. El Porfiriato: herramientas para la historia. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2006;

LARA PARDO, Luis. De Porfirio Díaz à Francisco Madero: la sucesión dictatorial. Nova Iorque: Polyglot Publishing & Commercial Co., 1912, p. 02.

Luis Lara Pardo”: Disponível em <http://www.cambiodigital.com.mx/mosno.php?nota=99723#.VADS-flDXxQ>. Acesso em: 20 nov. 2013.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006.

MOMIGLIANO, Arnaldo. As raízes clássicas da historiografia moderna. Bauru: Edusc, 2004, p. 166.

Revista História da Historiografia, Ouro Preto, nº 07, pp. 90-112, nov./dez. 2011;

Revista Unisinos, São Leopoldo, vol. 15, pp. 50-59, 2011, p. 51. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/960>. Acesso em: 02 jan. 2015.

TOCQUEVILLE, Alexis de. O Antigo Regime e a Revolução. Brasília: Editora da UnB, 1982, p. 77.

VILLORO, Luis. Sobre el concepto de Revolución. Revista del Centro de Estudios constitucionales, Madrid, nº. 11, jan.-abr. 1992, p. 277. Disponível em: file:///C:/Users/Nanda/Downloads/RCEC_11_275.pdf. Acesso em: 28 jan. 2015.

VASCONCELLOS, Camilo de Melo. Imagens da Revolução Mexicana: O Museu Nacional de História do México. São Paulo: Alameda, 2007, p. 165.

WOMACK, John. Mexican Political Historiography. Investigaciones contemporáneas sobre historia de México: memorias de la tercera reunión de historiadores mexicanos y norteamericanos, Oaxtepec, Morelos, 4-7 de noviembre de 1969. Austin: University of Texas Press, 1971, pp. 478-492.

THE CONCEPT OF MEXICAN REVOLUTION

Fernanda Bastos Barbosa – Universidade Federal de Ouro Preto

fernanda.barbosa@laureatedigital.net

Abstract

The aim of the article is to dissert on the concept "Revolution". Because it is a broad concept, we will approach it especially from the event known as the "Mexican Revolution". The documentary source used to develop the discussions and analyzes will be the essay *De Porfirio Díaz à Francisco Madero: la sucesión dictatorial*, of the doctor and periodist Luis Lara Pardo. The scope will be to explain how Lara Pardo created a representation of the revolution by spelling out the vocabulary and political language used by him.

Key words: Revolution; Political vocabulary; Luis Lara Pardo.